

MINHA ALMA VAZIA

Livro 117

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



FUI CALANDO

Fui calando, a pausa se transformou em silêncio, este em estado, daí foi postura, até que compreendi que se havia apossado de mim uma extensa perplexidade pela banalização da loucura, que a manipulação do mundo por poderes inescrupulosos propõe a maldade, em escalas globais desencadeou em um profundo sistema de defesa que me resguarda. Sinto-me abortado, drogado por consumismos desumanos e intoleráveis. Jogam-me na cara o lado mais feio da humanidade.



MEUS PRANTOS

Quando penso que todos meus prantos serão derradeiros, mas eles se renovam, vestem roupa nova, velhos motivos.

ESTAR NA FILA

Tenho medo de estar na fila, festejo haver chegado na velhice, muitos não conseguiram, ligo minha surpresa à data do meu nascimento, parece um fenômeno longínquo e tardado, separados por números desconhecidos entre si, calendários estranhos usando os mesmos números em idiomas tão diferentes, ainda que os dias se chamam pelo menos nome ficaram muito diferentes, as sextas-feiras não esperam os sábados com tantas festas porvir, os domingos se inundaram de jogos inventando novos tédios, as comunicações nos idiotizam entre a impostura e a mentira, a falsidade vendida como fonte de conhecimento e o saber evitado por incômodo. Os livros ficam fechados, os comércios também, os restaurantes repetem cardápios e os comidas bastante plastificadas.

Tenho medo de estar cansado de tanta estupidez chegando perto, de tanta gente ignorante opinando sobre o que não conhece. Temo o domínio dos idiotas.

OSCILO

Oscilo entre o paraíso da carne e o inferno do espírito, no gozo e na culpa encerrado nesta ilha íntima da minha consciência que outorga e condena, que discute e incentiva até que me confesse e leve para o dia seguinte a condenação que me promete alcançar a paz desejada caso eu ceda convencido até abraçar o paraíso do espírito e o inferno da carne.



O RESPEITO

Só respeita aquele que incorporou o respeitar como um valor.

DORMIREI EM PAZ?

Dormirei em paz sabendo que tem gente festejando o aborto como quem está parindo? Que o papa é anticristão? Que existem ricos que seguem roubando a comida dos pobres? Que o político roubou o sustento do trabalhador? Que os defensores da natureza comercializam ideias? Que os incentivadores do amor livre aprisionaram o encontro humano à servilidade banal que anula escolhas? Que a educação anula as origens e as identidades clonando uma alma postiça oferecida como vantagem? Dormirei em paz diante da desqualificação das emoções, nivelando o nada com o tudo, a síntese com o livro, o luxo com o lixo, o original com o postiço?



PRECIOSOS MOMENTOS II

São preciosos momentos nos quais ocupo minha desocupação, desfragmento as precárias uniões, reúno

necessárias energias para ser essencial e apropriado diante dos fracassos e acertos. Os nós frouxos permitem ideias solidárias com os outros e consigo mesmo. Elejo os eixos prioritários como posso. Reformo atitudes, corrijo a ineficácia, a desistência, a lentidão. Abandono a falsa segurança, abandono o refúgio, dou transparência a solidão intrínseca que me faz recordar a permanente fragilidade de que sou composto.



MINHAS CERTEZAS

Extenuado pelos excessos, leio nos olhos dos que me necessitam calmo um pedido. Vanglorio-me de ter prática de conseguir domar-me, quando difundo minha indignação aos gritos e meu consolo silenciado.

À DERIVA

Estando à deriva, continuo até resgatar um sentido de existência que salve o doce gosto da vida, me tire da exaustão, do cotidiano que não acolhe. Entediado, transmito uma carga que não consigo evitar, não consigo evitar uma procura, uma razão que me tire a negação e me devolva a resistência. Busco algo que me harmonize, que responda ao que perguntei, somente isto, sem agregados desnecessários, informações não solicitadas. Fim.



DAS INCLINAÇÕES

A distância aposenta os interesses. Tento satisfazer sedes adiadas, reeditar ares guardados, indulgências, renunciar a promessas. Apaixonei-me seriamente pela vida, o que me permite sentir de todas as maneiras os juízos, os prejuízos, as condenações, as paixões, seja como for, todos os amores, as ilusões.

NADA A COMEMORAR

Um grande segredo ultrapassa a surpresa e o espanto, encarna a escuridão que acompanha a progressão dos anos. Estou ficando íntimo do desconhecido que tenta encantar pelo mistério. Enfeitiça pela curiosidade, se move num território que não me pertence. Busco alguma evidência que me acalme diante do caos que tenazmente faz em mim uma morada prolongada. Nada a comemorar, minha vida declina diante da fatal aceitação da perda. Os anos, dispostos ao avanço, estão para confirmar tal avanço. Um bem sucedido empurrão coloca a sombra adiante do passo que tão lento desacompanha o meu corpo, aprendiz que já não questiona a própria natureza. O tempo fincou outro rosto no meu.



O DIA

O dia entra de forma inesperada, reclamando-me com justificada raiva esse ritual de anular-me antes do

tempo. Ninguém me explica as surpresas, as decepções não têm importância, pertencem ao previsível, são variantes que convém esperar. O compromisso maior será ter a curiosidade de conhecer o próximo desconhecido, olhar a solidão de frente e dar-lhe um nome e uma cara para humanizá-la até a última penúria ou a alegria de hoje.



A FUGA DA VONTADE

Minha vontade ganhou independência, fugiu de casa, se escondeu. Não me avisou que ia partir, desceu a rua, dobrou a esquina e desapareceu. Depois que fiquei sem tolerância, ficou mais difícil sair da cama, trabalhar, tolerar os gritos que furam meus ouvidos, conviver com os que temem pessoas, os que evitam escutar, os que fingem não ver a carga da minha mochila, o peso do níquel no bolso e a dor da última queda. Meu joelho esfolado testemunha a inabilidade que me invadiu desde que a minha vontade desapareceu. Qualquer pista, avisem-me, sua saída intempestiva foi

uma grande perda para mim. Fiquei imprestável sem a vontade de qualquer coisa que não sei fazer sem a vontade por perto. Embora a use sempre, não sabia que sua ausência me atrapalharia tanto fazer essas coisas simples que não consigo fazer sem ela. Não posso gritar sem a vontade de gritar, não posso chorar sem a vontade de chorar, não posso pedir para ela voltar sem a vontade de pedir.

Por causa de tantas faltas de vontade, fiquei sem som, sem gosto, sem rumo, sem véspera, sem portas para entrar e procurar por minha vontade, essa minha vontade, quero reencontrar.



INVENTO-ME

Vivos aos pedaços, inventando-me um egoísta enlouquecido ou criando uma lembrança que nunca aprendi a forjar.

ROMPER O SILÊNCIO

Essa mania de romper o silêncio e a ignorância me embrutece quando cancelo o improvável e torno uma tentativa num feito. Aumenta minha dívida com aqueles a quem não aprendi a me dirigir, evidenciando meu despreparo para durar muito no seu círculo de interesses. Embora eu saiba que a vida possa se alongar, ela jamais é silenciosa. Espero tantas manifestações quantos as desejam todos os solitários juntos, muito embora, para alguns, estarem com pessoas possa ser um vício. Suspeito estar inventando sinais, previsões.



SENTINELA DESPERTO

Cansado pela insônia que me fez sentinela desperto protegendo-me de mim mesmo. Roubo descanso do meu descanso quando percebo que muitos dos meus erros nasceram da pressa. Delas nasceu o impedimento, para quem, como eu, tenho nas simples atitudes, insistentes, persistentes, a construção das crenças. Parece que nelas o mal não encontra guarida nem acolhida.

ALGUM LUGAR

Sei que o bem poderá em algum lugar se danar e amofinar, fazendo-me perder a doçura para a vileza, para a degradação. Não sei quando e onde começar a graça e onde parar a contradição.



QUANDO FUGIR

Avisarei quando fugir dessas regras compartilhadas e aceitadas. Caso contrário posso contar os pedaços que deixei pelo caminho, assim busco tornar mais tolerável minha consciência.

ROMANCES DESACOMPANHADOS

Mais arrependido fico quando a intenção de uso é majoritária. A romântica alma fica desacompanhada. Os versos reproduzem a graça enquanto os pensamentos não respeitam a satisfação, com o anonimato dos personagens validando a decepção, validando o desencontro entre o corpo e a alma.



PARA QUE EU ME VEJA

A noite vem sem receio, gentil, desnudando os ruídos, faz-se serena, calma como afago no momento supremo ditando cuidados. Ela cala, convida a dormir, nega vida à luz que sucumbe ao escuro partindo meu olhar em diversas partes. O pensamento que surge atribui prioridade, antes do descanso, exige respeito ao contar minhas penas afasta outras obrigações dividindo os destinos diversos que se ocuparão de mim no momento transitório entre o deitar e o dormir, momento que me remete a vaguear pelos cinco sentidos invadidos por ideais que se apresentam como minhas, sentidas como alheias.

FATIGANDO A ALMA E O CORPO

Fatigando a alma e o corpo aceito a propriedade desse sentir que misterioso passa para meu peito como uma saudade antiga que já muito pouco tem a dizer-me. Exprimo por dor, medo, disfarce, poema, prurido na pele, no meu ensaio dando significado enquanto houver saudade. Torno colateral, indeferi as penas, delimito o que vejo onde os outros distraidamente recuam, se afastam. Pudesse eu prolongar a esperança que dobrasse o tamanho do meu abraço para nele caber uma proteção maior. A vontade de voltar, aceitar-se criança eterna, dando ao maior das dores tamanho do medo maior, quase igual ao medo infantil que tanto me atormentou.



PARA QUE EU VEJA

Todas essas belezas que inspiraram a história, aquela que mais me excitou minha imaginação brotaram das flores, das florestas anunciando uma reiteração perpétua, uma juventude que desperta todas as fantasias, integralmente sequenciadas em uma vasta

cadeia de cores. Transportadoras de vida visam manter despertadas as emoções provocando naqueles que as contemplem a vontade de brincar com a natureza. Organizada a folia, se libertariam os sonhos, deixaríamos falar a imaginação. Na festa dos bosques o arrebatamento movido a paixão conduziria os corpos até o esgotamento. Entre trágicos gozos, esquecidas as moderações, se produzirão os enamoramentos sustentados por esperanças de retorno. Toda tentativa de definição cairá por terra para que eu veja na cena combinando episódios, personagens, encobrendo de acordo a conveniência os efeitos clássicos do prazer disfrutado, pelo valor fascinante.



MEDO FAMILIAR

Aquele medo familiar de ficar sem pai e mãe, da falta de abraços, da eternidade condenada ao abandono cruel igual as dores já conhecidas embora não nomeadas. Dividir dores custa novas dores, porque cada uma das dores dói tanto que se as isola. Tamanha a dor de certas dores que se autoriza torná-las vagas, se as desune, separa, incorpora por partes para suportá-las,

dividi-las fraternalmente, separá-las em duas, três, mil partes, tantas quantas necessárias para caber dentro da gente.



MINHA ALMA VAZIA

Minha alma vazia assiste o tamanho da solidão em meio de uma explosão de sentimentos sem controle. Até onde vigora esta ânsia inconclusa, desconforme? Falta-me aceitá-la, é o que resta.



FAÇA ALGUMA COISA

Em lugar de pedir que se faça alguma coisa, só peço por excessivo, onde perco o zelo e caio na tentação de provocar sensibilidades. Dou uma pausa nessas tentativas. Pondero a importância delas, há vantagens em produzir ecos.

ALTERNATIVAS

Cessei o medo, desarrumei a substituição, preferi hábitos mais saudáveis. Encontro-me um pouco diferenciado daquele que fui, preferi não legitimar os lamentos para não colher neles desculpas compensatórias. Pretendo manter um interesse que me reforce a motivação para ter menos receios. Posso dizer, num breve balanço, que me cuido mais.

Cada qual segue suas convicções, oscilo com as minhas. No afã de encontrar uma saída, gero desgastes, legitimo proteções, medos exagerados, evitações excessivas, mas mantendo baixo dano e pouco risco.



RETORNO

Atraído pelo tempo que passa mudo, alimento ilusões eternas. Feliz como aquele que encontra o refúgio e acolhida depois de tantas solitárias tentativas. No interior da vida, nesse vaivém, sequestro intervalos entremeando o rápido e o lento, a lentidão e a pressa.

Roberto Curi Hallal

